

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

APRESENTAÇÃO

Adriana Dorfman

Boletim Gaúcho de Geografia, 38: 9-11, maio, 2012.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37335/24114>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2012.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

APRESENTAÇÃO

ADRIANA DORFMAN¹

Com imensa alegria entregamos aos sócios, autores e comunidade geográfica os números 1 e 2 do volume 38 de 2011 do Boletim Gaúcho de Geografia, publicação da seção Porto Alegre da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

A política editorial do BGG consiste no acolhimento de contribuições de geógrafos e pesquisadores de áreas afins interessados na construção orgânica e teórica da Geografia, desde que apresentem discussão qualificada. A publicação exige ineditismo nos artigos e atualidade nas notas e resenhas e submete seus textos à crítica anônima de pareceristas de renome internacional, cuja produção é referência na discussão atual da disciplina. Dados nossos esforços em qualificar o BGG, tivemos uma boa avaliação no Qualis Capes, sendo promovidos à B1 – Nacional.

Talvez por isso, talvez pela confiabilidade que nossos quase 40 anos de publicação ininterrupta nos outorga, certamente pela proficuidade do momento atual da Geografia, recebemos um número inédito de contribuições muito qualificadas, conforme os leitores poderão testemunhar. Um momento favorável também para a seção local permite que lancemos esse volume 38 de 2011 concomitantemente ao volume 39 de 2012, atualizando a publicação do nosso Boletim.

No número 1 apresentamos com orgulho os seguintes artigos, organizados em torno da teoria geográfica, da geografia histórica e do pensamento geográfico. O professor Marcelo Lopes de Souza defende que chegou, para “A Geografia: a hora e a vez do pensamento libertário”. Professor da UFRJ e autor de livros referenciais para a discussão da cidade, da violência, dos movimentos sociais, sua obra volta-se à politização, qualificação e difusão de questões centrais à experiência contemporânea. O texto aqui publicado faz uma análise do momento atual, aborda as limitações do marxismo como proposta e as possibilidades da Geografia como disciplina positivada na sua voracidade. Tudo isso “.... para fomentar a práxis”.

Ana Stumpf Mitchell explora a produção teórica de Álvaro Heidrich, traçando um arco na reflexão do autor, a partir do papel que os conceitos de posse, uso e imaginário desempenham na compreensão sobre vínculos territoriais.

A dinâmica da criação de municípios durante o período colonial é revelada pelo professor Adilar Cigolini, da UFPR. A partir de um estudo de Geografia Histórica, o autor defende que a criação de municípios foi central na formação territorial brasileira no período colonial, analisada a luz das estratégias geopolíticas portuguesas para expansão e manutenção da posse do território.

1 Professora do Depto. de Geografia – UFRGS, editora do BGG, adriana.dorfman@ufrgs.br

Antonio Carlos Vitte e Vonei Ricardo Cene, professor e mestrando da Unicamp, lançam mão do contextualismo histórico e da hermenêutica para discutir a obra do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, situando-a “entre a pintura de paisagem e a construção das tipologias tropicais”. Discutindo a paisagem e o projeto de descrever e classificar as terras e gentes do Brasil, os autores mostram como Rugendas contribuiu para plasmar a representação do Brasil como um país em construção.

Trazemos a público o artigo “Espaço oculto e reconhecimento ausente em “Caché” de Michael Haneke”, análise de um filme que leva à exploração de novos conceitos geográficos. Aqui o filme não aparece como exemplo de um fenômeno, ao contrário, a obra artística permite a expansão da teoria. Seu autor, o professor Jones Dari Goettert, da Universidade Federal de Grande Dourados, é um expoente da discussão sobre as relações entre o espaço, as artes, a identidade, fronteiras, migrações e territórios, e seu recente livro *Transfazer o espaço* merece um olhar atento.

O número 2 do Boletim Gaúcho de Geografia tematiza questões geograficamente dispersas, através métodos bastante diversificados. Ainda assim, a discussão sobre território e territorialidade é central, colocando os textos em relação e permitindo uma leitura de conjunto.

Iniciamos com o texto “*Aglomeraciones transfronterizas y movilidad. Una aproximación desde casos sudamericanos*”, de Susana Kralich, Alejandro Benedetti e Esteban Salizzi, da Universidade de Buenos Aires, Argentina. Essa excelente contribuição, bem estruturada em sua argumentação em torno do caso argentino, recorre à análise estatística e propõe modelos para ordenar a informação a respeito das cidades-gêmeas, aglomerações fronteiriças, cidades de fronteira ou como entendamos o fenômeno. Os estudos fronteiriços são sempre comparatistas, de modo que a leitura do artigo “Redes ilegais e trabalho ilícito: comércio de drogas na região de fronteira de Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia”, de Giovanni França Oliveira e Gustavo Villela Lima da Costa permite a aplicação direta das proposições de Kralich, Benedetti e Salizzi. As redes ilegais em condição fronteiriça são abordadas num registro multidisciplinar através do método etnográfico.

Silvana Cristina da Silva discute “O circuito espacial de produção do vestuário no Brasil: a expansão das grandes redes de comércio varejista”, num artigo claro e bem escrito que mostra a mudança na localização das principais redes do comércio varejista de vestuário no Brasil ao longo do tempo. O artigo atualiza a discussão sobre os circuitos da economia urbana, formulação de Milton Santos, a partir da análise dos processos na cidade de São Paulo. Ainda no estado de São Paulo, nessa tensão entre local, regional e nacional, passamos à discussão das “Solidariedades federativas e território brasileiro: convênios federais entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e instituições de pesquisa da Região Metropolitana de Campinas/SP”, no texto de Renan Lélis Gomes e Fabricio Gallo. O artigo discute tema bastante atual

na Geografia e faz aporte teórico coerente, articulando conceitos miltonianos como território usado, meio técnico científico-informacional e lugares opacos-luminosos, fazendo uma cartografia da desigualdade da distribuição dos recursos voltados à pesquisa científica e tecnológica.

“Desenvolvimento regional: a navegação interior no Rio Grande do Sul e a visão heteronômica do estado-nação”, de Michele Costa Machado, aborda as redes técnicas, os nós portuários e o sistema hidroviário específico do Rio Grande do Sul, referenciando de forma breve a história da técnica e a relação entre ciência e espaço geográfico com a importância da navegação interior, bem como o papel do container como potencializador das vantagens competitivas e dos ganhos de escala já presentes no transporte hidroviário, na busca do desenvolvimento regional.

Encerramos este volume com uma seção de notas e resenhas, onde publicamos uma nota sobre a digitalização da obra de Percy Lau, ativando a circulação da produção desse artista que documentou e ajudou a produzir a representação do Brasil e de seus gêneros de vida em meados do século XX. Na resenha “Atualizando os sentidos de território e territorialidade”, Adriana Dorfman apresenta a coletânea **Territorialidades humanas e redes sociais**, organizada por Leila Christina Dias e Maristela Ferrari, (Insular: Florianópolis, 2011). Louvável obra que, como o BGG, contribui para qualificar a discussão das estratégias espaciais de diferentes agentes em busca da concretização de seus projetos.

Territórios, vínculos territoriais, paisagem e espaço aparecem aqui com abordagens inovadoras, com pesquisas criteriosas, em textos fluentes que, esperamos, contribuam para a discussão acadêmica e para a gestão democrática do nosso território.